



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

LUANA DA SILVA OLIVEIRA

**NARRATIVAS PORTUGUESAS SOBRE O DECADENTE SÉCULO XIX: O
DESASSOSSEGO EM *BASTARDIA* DE HÉLIA CORREIA E *N'A ILUSTRE CASA DE
RAMIRES DE EÇA DE QUEIRÓS***

BRASÍLIA

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

LUANA DA SILVA OLIVEIRA

**NARRATIVAS PORTUGUESAS SOBRE O DECADENTE SÉCULO XIX: O
DESASSOSSEGO EM *BASTARDIA* DE HÉLIA CORREIA E *N'A ILUSTRE CASA DE
RAMIRES DE EÇA DE QUEIRÓS***

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL como requisito para obtenção de título de licenciada em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Clara Magalhães de Medeiros

BRASÍLIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me proporcionado a oportunidade de cursar a Graduação na UnB, oportunidade esta que possibilitou que eu me desenvolvesse como estudante, como profissional, como pesquisadora e, acima de tudo, como humana.

Aos meus pais, Ana e Salvador, agradeço primeiramente por me darem a vida, por me proporcionarem uma infância feliz, por me apoiarem e por me ensinarem que a educação pode proporcionar uma vida melhor a todos.

À minha irmã, Maria Alice, agradeço por me apoiar e por estar sempre ao meu lado.

Agradeço ao meu melhor amigo e meu companheiro, Matheus Welzel, que sempre esteve ao meu lado e por ter me encorajado a todo momento.

Agradeço à minha grande amiga Jessica Oliveira Carvalho, com a qual tive a honra de compartilhar o bacharelado e pelo menos o início da jornada na licenciatura, e a qual tem sido uma grande amiga na trajetória na Unb e na vida.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ana Clara Magalhães de Medeiros, por ter me inspirado tanto em suas disciplinas de Literatura Portuguesa e por ter me recebido de braços abertos como orientanda, obrigada por tanto conhecimento e por ser um exemplo fenomenal de professora!

Agradeço a todos os professores que de alguma forma estiveram envolvidos na minha jornada, especialmente às professoras Ulidete Rodrigues de Souza, Luciana Barreto Machado Rezende, Lúcia Helena Marques Ribeiro e Fabrícia Wallace Rodrigues.

*“Mas conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.*

*Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e dói não sei porquê...”*

Luís Vaz de Camões

RESUMO

Esta monografia visa desenvolver uma análise comparativa das obras *Bastardia* (2005) de Hélia Correia e *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) de Eça de Queirós, a partir da perspectiva de que essas obras, escritas em diferentes épocas, retratam a vida ordinária portuguesa no século XIX. Esta pesquisa busca, então, analisar as principais características da cultura e da literatura portuguesa marcantes nas obras em estudo, ressaltando as similaridades e diferenças entre as obras e conjecturando sobre as interpretações de Portugal contidas nas duas prosas. A presente monografia é desenvolvida em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata de um estudo geral sobre a literatura portuguesa de Eça de Queirós e Hélia Correia, para que possamos nos aprofundar de forma mais técnica na análise comparativa das obras que formam nosso *corpus*. O segundo capítulo trata da análise de *Bastardia* de Hélia Correia. O terceiro capítulo trata da análise de *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós. O quarto capítulo trata, por fim, da análise comparativa das duas obras em estudo, propondo algumas interpretações da história e da cultura portuguesa emanadas dos dois textos literários analisados. Além disso, esta pesquisa visa também interligar as narrativas em estudo com teorias críticas da literatura portuguesa de Antero de Quental (1987), Eduardo Lourenço (2008; 2016), e também a fortuna crítica de Correia e Queirós, a partir da mirada de Coutinho (2012) e Ferreira (2009), respectivamente, em busca de interpretações e reflexões diferentes sobre as duas obras que, em última instância tematizam e problematizam Portugal do século XIX.

Palavras-chave: Prosa Portuguesa; *Bastardia*; Hélia Correia; *A Ilustre Casa de Ramires*; Eça de Queirós; Desassossego.

ABSTRACT

This monograph aims to develop a comparative analysis of the works *Bastardia* (2005) by Hélia Correia and *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) by Eça de Queirós, from the perspective that these works, written at different times, portray the ordinary Portuguese life in the XIX century. This research seeks, then, to analyze remarkable main characteristics of Portuguese culture and literature in the works under study, highlighting the similarities and differences between the works and conjecturing about the interpretations of Portugal contained in the two prose pieces. This monograph is developed in four chapters. The first chapter presents a general study on the Portuguese literature of Eça de Queirós and Hélia Correia, so that we can delve more technically into the comparative analysis of the works that form our corpus. The second chapter proposes an analysis of *Bastardia* by Hélia Correia. The third chapter proposes an analysis of *A Ilustre Casa de Ramires* by Eça de Queirós. Finally, the fourth chapter presents a comparative analysis of the two works under study, proposing some interpretations of Portuguese history and culture emanating from the two analyzed literary texts. Furthermore, this research also aims to interconnect the narratives under study with critical theories of Portuguese literature by Antero de Quental (1987), Eduardo Lourenço (2008; 2016), and also the critical fortune of Correia and Queirós, from the perspective of Coutinho (2012) and Ferreira (2009), respectively, in search of different interpretations and reflections on the two works that ultimately thematize and problematize Portugal in the XIX century.

Keywords: Portuguese Prose; *Bastardia*; Hélia Correia; *A Ilustre Casa de Ramires*; Eça de Queirós; Disquiet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A LITERATURA PORTUGUESA DE EÇA E HÉLIA	9
1.1 A AUTORA, O AUTOR	9
1.1.1 Hélia Correia	9
1.1.2 Eça de Queirós	10
2. CAPÍTULO 2 – <i>BASTARDIA</i> DE HÉLIA CORREIA	12
3. CAPÍTULO 3 – <i>A ILUSTRE CASA DE RAMIRES</i> DE EÇA DE QUEIRÓS	16
4. CAPÍTULO 4 – ANÁLISE COMPARATIVA DE <i>BASTARDIA</i> DE HÉLIA CORREIA E <i>A ILUSTRE CASA DE RAMIRES</i> DE EÇA DE QUEIRÓS	20
4.1 Meio Rural x Urbano.....	20
4.2 Pobreza x Riqueza.....	23
4.3 Homem x Mulher	24
4.4 Igreja x Sobrenatural	28
4.5 Mar x Desassossego	31
4.6 Comparação Crítica e Teórica Geral	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Esta monografia visa desenvolver uma análise comparativa entre as obras *Bastardia* (2005) de Hélia Correia e *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) de Eça de Queirós, a partir da perspectiva de que essas narrativas, escritas em diferentes épocas (uma em princípios do século XIX; outra em princípios do XX), retratam a vida ordinária portuguesa do século XIX. Ressalta-se que o livro heliano é lançado no século XXI, mas a trama se passa na segunda metade dos anos 1800. Esta pesquisa busca, então, analisar as principais características da cultura e da literatura portuguesa marcantes nas duas obras em estudo, ressaltando as mais significativas similaridades e diferenças entre as obras e conjecturando sobre as interpretações de Portugal contidas nas duas prosas.

Com tal intuito, este estudo visa responder às perguntas: quais as principais características da literatura portuguesa marcantes nas obras em estudo? Quais as principais similaridades e diferenças entre as obras? Quais as principais reflexões instadas pelas obras? Para realizar esta análise, temos como objetivos específicos e gerais: comparar as principais características da literatura portuguesa marcantes nas obras; analisar as principais similaridades e diferenças entre as obras; investigar quais as principais reflexões lançadas pelas obras; analisar as características da cultura e da literatura portuguesa marcantes nas obras em estudo e aprofundar-se no estudo da literatura portuguesa do período de cerca de um século: 1900-2005.

A presente monografia é desenvolvida em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata de um estudo geral sobre a literatura portuguesa de Queirós e Correia, para que possamos nos aprofundar de forma mais aguçada na análise comparativa das obras que formam nosso *corpus*. O segundo capítulo trata da análise de *Bastardia* de Hélia Correia. O terceiro capítulo trata da análise de *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós. O quarto capítulo trata, por fim, da análise comparativa das duas obras em estudo, duas narrativas de épocas diferentes que remetem ao século XIX, propondo-se, na etapa derradeira deste estudo, algumas interpretações da história e da cultura portuguesa emanadas dos dois textos literários analisados, com amparo teórico crítico de Antero de Quental (1987) e Eduardo Lourenço (2008; 2016).

CAPÍTULO 1 – A LITERATURA PORTUGUESA DE EÇA E HÉLIA

1.1 A AUTORA, O AUTOR

1.1.1 Hélia Correia



Hélia Correia (1949)¹ é uma escritora portuguesa contemporânea, licenciada em Filologia Românica e professora de Português, considerada uma revelação na escrita novelística portuguesa da geração de 1980. Seus contos, romances e novelas são impregnados de discurso poético e ela estreou na poesia com a publicação *O Separar das Águas* (1981) e *O Número dos Vivos* (1982). No entanto, foi a novela *Montedemo* (1983) que deu notoriedade à autora.

Hélia Correia demonstra grande apreço pelo teatro e pela Grécia clássica. No gênero dramático, a autora escreveu três notáveis peças: *Perdição*: exercício sobre Antígona (1991); *Rancor*: exercício sobre Helena (2000) e *Desmesura*: exercício com Medeia (2006). Na sua produção, destacam-se ainda os romances *A Casa Eterna* (1991) e *Soma* (1987), e as poesias *A Pequena Morte/Esse Eterno Canto* (1986).

Correia recebeu os Prêmios: Prêmio PEN 2001; Prêmio Literário Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa com o livro *A Terceira Miséria*; Prêmio Máxima de Literatura (1991, 2006); Prêmio D. Dinis (2001); Prêmio P.E.N. Clube Português de Novelística (2002); Prêmio Vergílio Ferreira (2013); Prêmio P.E.N. Clube Português de Poesia (2013); Prêmio Camões (2015); e o Grande Prêmio de Romance e Novela APE/DGLAB (2018).

¹ JERONIMO, Thiago Cavalcante. Clarice Lispector Entre-Vistas Portuguesas: Teolinda Gersão, Ana Teresa Pereira, Inês Pedrosa e Hélia Correia. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 22, n. 3, p. 112-124, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/15709/11603> Acesso em: 05 out. 2023.

1.1.2 Eça de Queirós



José Maria Eça de Queirós (1845-1900)², conhecido como Eça de Queirós (ou Eça de Queiroz), foi um dos mais renomados escritores da literatura portuguesa, cuja fama alcançou um público internacional, tornando-o um autor reconhecido por suas críticas sociais, especialmente ao clero e à pátria portuguesa. Eça de Queirós nasceu em Póvoa de Varzim, Portugal. Seus pais, José Maria Teixeira de Queirós (brasileiro) e Carolina Augusta Pereira de Eça (portuguesa), se casaram quatro anos após o nascimento de Eça e o mantiveram escondido por muito tempo. Eça foi criado pelos avós paternos, passou a infância e a adolescência longe da família e estudou em Porto, ingressando, em 1861, no curso de Direito da Universidade de Coimbra, onde se formou em 1866. Durante essa época, Eça já participava de movimentos estudantis liderados por Antero de Quental e Teófilo Braga. Foi só depois de formado que se mudou para Lisboa para residir com os pais, onde, por um tempo, exerceu advocacia.

Eça de Queirós iniciou sua carreira literária como romântico, e, com o passar do tempo, foi se encaminhando para a prosa realista. Segundo Carlos Reis (apud Ferreira, 2009, p. 111), a **primeira fase de Eça** (Aprendizagem da Escrita – 1866-1871) se iniciou com a publicação dos folhetins *Notas Marginais* na *Gazeta de Portugal* (reunidos em *Prosas Bárbaras* postumamente). Essa fase se refere ao tempo na Universidade, nos anos 60, no qual Eça participava da agitação romântica e boêmia de Coimbra. Nessa época, Antero de Quental foi um grande mentor intelectual da geração de jovens, revolucionando a literatura com suas reflexões ideológicas. Essa época, repleta de polêmicas, trouxe à tona a discussão sobre o conceito de escritor e sua função, repercutindo a literatura realista e seu papel social. (Ferreira, 2009, p. 112) Ainda na primeira fase queirosiana, Eça retornou a Lisboa e inventou Carlos Fradique Mendes, juntamente com Quental e Batalha Reis. (Ferreira, 2009, p. 113)

² FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Eça de Queirós**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/eca_queiroz/ Acesso em: 05 out. 2023.

A **segunda fase** (Reis apud Ferreira, 2009, p. 114) das obras de Eça (Escrita do Real – 1871-1880), se iniciou ao publicar *O Crime do Padre Amaro*, obra inspirada em sua estadia em Leiria, que representou o marco inicial do Realismo em Portugal, considerado o melhor romance realista português do século XIX. Nessa obra, Eça critica a vida social portuguesa e denuncia a corrupção do clero e a hipocrisia dos valores burgueses. Nessa fase, houve também a publicação de *O Primo Basílio* (1878). Sendo assim, nesse período, há investimento na crítica aos costumes e problemas sociais.

Na **terceira fase** (Outros Mundos – 1880-1888) de sua carreira literária, de acordo com Carlos Reis (apud Ferreira, 2009, p. 117), Eça publicou *Os Maias*. Nessa etapa, o autor se distancia da sátira e da ironia interligadas a temáticas na sociedade burguesa e foca em uma crítica construtiva, na qual ele abandona os elementos realistas e explora princípios e valores baseados na simplicidade. Eça de Queirós estava longe de Portugal por motivos de consulado. Entretanto, “a distância do solo português não o afasta das preocupações com a realidade portuguesa”. (Ferreira, 2009, p. 117) Dessa maneira, mesmo de longe, Eça ainda criticava a vida pública portuguesa.

A **quarta fase** da escrita de Eça de Queirós (Eterno Retorno – 1888-1900) refere-se a um retorno a temas e valores antes considerados superados. Eça se dedica à atividade de cônsul e retoma a escrita de Fradique Mendes. Ressalta-se que, apesar da distância geográfica, o autor não deixa de dialogar com seu país e não abandona a atividade epistolar. Além disso, a África aparece como tema nesse período (Ferreira, 2009, p. 119).

Nessa etapa, conforme Carlos Reis (apud Ferreira, 2009, p. 116), “as obras queirosianas são marcadas pela evocação de um passado retocado pelo imaginário do ficcionista”. Além da *Correspondência de Fradique Mendes*, os grandes romances finais de Eça são *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*, que demonstram o retorno do escritor à história de seu país, ao cenário rural, e apresentam a preocupação com o passado e com o futuro de Portugal (Ferreira, 2009, p. 120-1). Assim, “tudo o que o narrador faz tem por objetivo despertar o interesse e ao mesmo tempo atacar a sociedade lisboeta.” (Ferreira, 2009, p. 116)

2. CAPÍTULO 2 – *BASTARDIA* DE HÉLIA CORREIA

A obra *Bastardia*, de Hélia Correia, foi publicada em 2005 pela editora portuguesa Relógio D'Água, sendo uma obra pouco conhecida no Brasil (não ganhou edição em território brasileiro) e de difícil acesso para os leitores interessados. Trata-se de uma obra curta, tendo apenas 72 páginas, porém páginas de muita densidade, cuja narrativa se desenvolve de maneira complexa, mas direta. Esta obra traz características da cultura portuguesa e investe na apresentação de um contexto misterioso, ficcional e verossímil de Portugal, a partir do ponto de vista da sociedade do século XIX, de um meio rural e isolado.

A história se inicia introduzindo o meio ficcional e misterioso das sereias, tópico de suma importância para o desenvolvimento da obra e que é de bastante curiosidade do público, principalmente das culturas ligadas ao mar, como o é a de Portugal, um ex-Império Talassocrático. A partir dessa temática inicial, a autora utiliza o mar e as sereias como base para a discussão que se dá no percorrer da obra, a partir da qual vemos como a sereia representa os mistérios da natureza para o ser humano, e como isso vai ser aprofundado ao longo da narrativa, como podemos ver nas páginas iniciais da obra:

A bela mulher-peixe, a da garganta cheia de prata e de melancolia, que leva à perdição os marinheiros, não por maldade, mas por condição. Em toda a história que nos é contada, ela está predisposta para o amor, para sufocar na praia sob o sol que lhe resseca os limos do cabelo. Tem uma natureza de amarrada, essa mulher sem pernas, a mulher que não pode despir-se. A sem nudez. Chama os homens no mar e eles naufragam, mas é um chamamento de desejo e ninguém sabe o que se vai seguir. Possivelmente, o marinheiro não morre. Não regressa, porém isso não é a conclusão. Isto pensou, no barco, o veraneante, ouvindo a voz que não parava de o chamar. (CORREIA, 2005, p. 8)

A narrativa se passa em dois locais: é introduzido o meio rural, o povoado de Carniça, e um meio ainda rural, porém mais urbanizado, a cidade de Leiria. A descrição da rudeza do campo em Carniça é acentuada em oposição ao meio rural um pouco mais desenvolvido de Leiria. Pela descrição, podemos perceber quão pequenos e pobres são os povoados, desprovidos de qualquer riqueza de um país que um dia foi um grande colonizador. Nesses cenários, a vida da sociedade se baseava em ir à capela aos domingos, e, apesar da pobreza, o povo possuía religião, higiene e medicina, mesmo que precárias para uma comunidade pequena, o que é retratado de forma bem irônica pela autora:

O povoado nutria-se a si mesmo e muitas vezes a endogamia resultava em penosos exemplares. Era pouco porosa essa película que envolvia pessoas e terrenos, isolando-as de vilas e cidades. Pouca coisa passava para dentro, e já desfeita, volatilizada: moda, ideias, notícias de jornais. E não as rejeitavam pelo escândalo, mas porque não faziam falta ali, naquele espaço sem falhas, arrumado segundo uma instintiva ecologia. Importunavam, como faz um hóspede numa casa que não o convidou.

Preferiam receber os seus fantasmas que só surgiam na intimidade e com grande clareza de intenções. Pois, ao contrário do que supomos, o espírito aldeão vivia cheio da arrogância do conhecimento. Não lhe faltava aquilo que não sabia. Nunca ouvira falar sobre as sereias. Tinha o seu nome para as mulheres que dançavam à meia-noite sobre o rio. Ninguém devia vê-las: eram bruxas. Vestiam-se de branco, e delas mesmas saía a luz que iluminava o baile. Estavam, assim, os nossos camponeses servidos de beleza e de perigo. Estavam servidos de proibição. (CORREIA, 2005, p. 12)

Assim, Carniça era um povoado isolado, mas autossuficiente, para o qual tudo que chegava de fora, como moda, ideias e notícias, não fazia falta ao povoado, ali não faltava aquilo que era desconhecido. A partir da narrativa desenvolvida nesses meios, a autora problematiza a realidade por meio de críticas sociais à sociedade, demonstrando a verossimilhança entre a ficção e o concreto histórico por meio da descrição de uma sociedade repleta de ignorância, arrogância e hipocrisia.

Na narrativa, o povo não demonstra interesse pelo que está fora de seus limites, possuindo um alto grau de conservadorismo e moralismo em relação ao desconhecido, o que pode ser visualizado no decorrer da narrativa através do julgamento da igreja e das pessoas, que regem a vida da sociedade, e, especificamente, da família, pois a mãe se sente julgada e condenada por esconder um segredo (a causa da concepção de seu filho) e sua filha é condenada pela população por ter engravidado fora do casamento, em situação de violência sexual contra a criança. Ou seja, assim como no mundo atual no século XXI, na narrativa também existem pecados/vícios em todo lugar, ainda que estes sejam suprimidos e escondidos, dessa forma, a sociedade vive uma vida de aparências, de forma a manter a suposta paz social.

O personagem principal da história se chama Moisés Duarte, nascido em Carniça no verão de 1854. Apesar de ter três irmãs, ele era o primogênito e o mais querido pela mãe, sendo ele sua prioridade por ser considerado um milagre, nascido de uma mãe infértil. A obra traz um enfoque no amor materno, um amor puro e cuidadoso, quase obsessivo, no qual a mãe de Moisés deixa a família de lado para priorizar o filho. Na verdade, ela tinha tanto medo de perder o filho que o tratava como um algo frágil. Enquanto isso, deixava suas filhas de lado, a ponto de perder de vista a filha de 13 anos e essa engravidar de um pastor idoso. A “sorte” da família foi que a criança nasceu morta (isso vindo de uma sociedade moralista provavelmente contra o aborto), o que causou traumas psicológicos na pobre menina a ponto de ela enlouquecer. Devido aos exemplos femininos de Moisés, ele tinha uma visão deturpada das mulheres e as via como seres sujos, enquanto isso, aprendia com o pai a masculinidade heteronormativa na qual o homem somente tem como papel beber e se divertir.

A avó de Moisés faleceu quando ele completou 15 anos. Seus parentes, que moravam em um povoado mais perto do mar, em Leiria, vieram para o enterro e acenderam no coração

de Moisés a vontade de conhecer o oceano, introduzindo o assunto de sereias e tornando Moisés obcecado pelo mar. A mãe de Moisés admite para ele que seu pai na verdade era o mar, um milagre promovido por uma bruxa, a bruxa do Pilar. Conforme a narrativa da mãe de Moisés, Deus não quis lhe dar filhos. Assim, Moisés é convidado para se mudar para Leiria para trabalhar para seu tio, virando esta sua obsessão maior para que ele possa conhecer o mar. De certa forma, a mãe de Moisés sabia que assim como o mar havia lhe dado o filho, o mesmo mar haveria de levá-lo:

Agora o mar vinha pedir o que era seu. Vinha e fazia-o da pior maneira, pondo a paixão no peito do rapaz. Via-o andar perdido pelos campos, numa desatenção de namorado. O mar mostrava a sua majestade, o azul onde cantavam as sereias. E ele encarava no vazio, cabisbaixo, cavalgando a distância com os olhos. A mãe estava a perdê-lo. De algum modo, deixara de temer. (CORREIA, 2005, p. 27)

A nova família de Moisés abriu as portas para sua liberdade, dado que saber sobre o mar e as sereias mudou completamente a sua vida. Assim, apesar das contradições, Moisés vai para Leiria para trabalhar na estalagem do tio e ficar mais perto do mar. Isso abriu as portas para que ele pudesse enfim descobrir sua identidade e seguir seu próprio caminho. Segundo a investigadora Anabela Coutinho (2012, p. 66) “a sua bastardia tornava-o único, diferente de todas as outras personagens porque o quotidiano, a realidade vulgar não lhe bastava; era insaciável na sua busca do desconhecido.” Assim, Moisés segue em sua obsessão pelo mar, mesmo não podendo ir atrás de seus desejos imediatamente por estar preso à realidade.

No entanto, o tio passa seu trabalho para Moisés e começa a ficar preguiçoso. A mulher do tio se opõe à tentativa de substituir seu filho, que estava estudando em Coimbra, por Moisés, e, depois de um tempo, requer do marido que mande o sobrinho embora. Moisés é expulso da casa, e, em vez de voltar para Carniça, ele vai para o mar, sofrendo uma grande jornada para ali chegar e morrendo ao chegar ao seu destino. Ainda segundo Anabela Coutinho:

Moisés fora levado à perdição pelo chamamento de desejo das sereias, sofreu de agonia, de desespero, querendo segui-las, guiado pelos seus sonhos, mas quando, finalmente as encontra, estas não são mais do que monstros hediondos e impiedosos. [...] Poder-se-á, então, falar da sedução enquanto morte, do suicídio enquanto libertação. (COUTINHO, 2012, p. 69)

Por fim, mesmo que a cidade para onde Moisés é encaminhado (Leiria) seja um antro de pecados, de luxúria, de ambição, de preguiça e de ganância, repleto da realidade portuguesa oitocentista e do ser humano de um modo geral, Moisés só deseja o mar, só quer conhecer seu pai. Sendo assim, a narrativa retrata os dois lados da sociedade: de um lado, revela o aspecto conservador, ultrapassado, obsoleto e antiquado do povo; e, do outro, personagens que são desvinculados das imposições feitas pela igreja, indivíduos com suas próprias peculiaridades e

desejos, ambos sendo retratados como personagens fracos de espírito e fáceis de manipular, na qual o desejo mais profundo de seus corações pode enlouquecê-los, estando eles em consonância com a imposição da igreja ou estando eles agindo pelo livre-arbítrio.

3. CAPÍTULO 3 – A ILUSTRE CASA DE RAMIRES DE EÇA DE QUEIRÓS

A *Ilustre Casa de Ramires*, romance realista, foi publicado em 1900, logo após a morte do autor, que não chegou a completar a revisão final do texto. Esta obra representa a maturidade intelectual da poética do autor, escrita em sua última fase. Segundo Ferreira (2009, p. 120), *A Ilustre Casa de Ramires* é um dos grandes romances finais de Eça e representa o retorno do escritor à história e ao cenário rural de Portugal.

Conforme Ferreira (2009, p. 120), o romance começou a ser publicado na *Revista Moderna*, e trata da trajetória de Gonçalo Mendes Ramires, desde a sua jornada em Portugal até Moçambique, em África, porém, tal versão não fica completa devido ao fim da revista. Entretanto, após o falecimento de Eça, em 1900, o romance completo foi publicado e a obra reitera uma relação entre tradição e renovação. O autor não enfoca apenas na temática histórica e estática, assume também uma renovação da tradição a partir de uma nova visão do passado entrelaçado no presente e no futuro, cuja jornada é traçada a partir de duas narrativas feitas simultaneamente, ainda que em duas épocas distintas da história de Portugal.

A obra é composta por duas narrativas paralelas: primeiramente, no século XIX, em Portugal, é relatada a história do fidalgo Gonçalo Mendes Ramires, o qual está sempre em busca de um lugar de destaque na sociedade. A segunda se refere a uma novela histórica na qual o protagonista da primeira história narra o que acontece no mesmo local, no século XII, com seu antepassado leal e honrado, Tructesindo. Um dos artifícios da obra é o contraste entre o antepassado de Gonçalo e Gonçalo. O romance é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, que explora os conflitos interiores do protagonista, e seu distanciamento permite ao leitor acompanhar a lenta transformação do personagem em direção a sua reabilitação tanto moral como social.

Nesta obra, a crítica e a ironia marcantes de Eça de Queirós cedem lugar a um certo otimismo. A obra foi publicada, em revista, no final do século XIX, um dos períodos mais humilhantes da história de Portugal devido à instabilidade política e à humilhação proporcionadas pelo Ultimato inglês, que exigiu a retirada de Portugal de suas colônias na África, deixando a falida talassocracia impotente. Eduardo Lourenço, notável crítico português, avalia com agudeza:

O Ultimatum não foi apenas uma peripécia particularmente escandalosa das contradições do imperialismo europeu, foi o traumatismo-resumo de um século de existência nacional traumatizada. Podia imaginar-se que confrontados com tão dura lição viéssemos a reconsiderar um estado de abatimento e um comportamento de fuga complementar dele. [...] O fim do século XIX, por reacção ao criticismo devastador e

impotente da década de Setenta, mas também como resposta à agressão do monstro civilizado (Inglaterra) verá eclodir a mais nefasta flor do amor pátrio, a do misticismo nacionalista, fuga estelar a um encontro com a nossa autêntica realidade, mas, ao mesmo tempo, expressão profunda sob a sua forma invertida, de uma carência absoluta [...] (LOURENÇO, 2016, p. 18).

Sendo assim, conforme Lourenço (2016, p. 31), com o Ultimato se situou “uma das mais sentidas humilhações da nossa História. [...] Chorámos na praça pública, não por riquezas perdidas que eram literalmente fictícias, mas por nos darmos conta sem remissão que não pesávamos nada na balança da Europa civilizada e imperialista. [...]”. Ainda de acordo com o intelectual da guarda:

a reacção histórico-patriótica ao Ultimatum que consagrava a nossa nulidade política [...] não é senão a expressão-resumo de uma ferida aberta em 1808 e em contínua supuração ao longo do século: a da generalizada consciência, entre a intelligentsia lusitana, de uma desvalia trágica, insuportável, da realidade nacional sob todos os planos. (LOURENÇO, 2016, p. 67)

Com base nesse contexto histórico, vivenciamos a narrativa da vida de Gonçalo, filho de uma das casas mais nobres e antigas de Portugal, anterior mesmo à fundação da nação. Entre seus antepassados, constam heróis portugueses presentes nos feitos mais importantes da história de Portugal. Gonçalo Mendes Ramires, fidalgo, morador de Vila Clara, ambiciona participar da política. No início da narrativa, Gonçalo representa o oposto do heroísmo e da glória passada, é apenas um fidalgo sem moral, fraco, covarde e ambicioso, que sonha em ser político para garantir estabilidade social e financeira.

Gonçalo finaliza o curso de Direito em Coimbra, e, após uma breve estadia em Lisboa, retorna para suas terras no interior de Portugal, próximas à cidade de Oliveira e Vila Clara, onde reencontra a mesma monotonia. Para se reerguer de sua condição de fidalgo decaído, Gonçalo decide tentar a vida política, e para fazer seu nome, ele resolve escrever uma novela sobre a vida de seus antepassados heróis (A Torre de D. Ramires). Para alcançar seus objetivos, ele começa a escrever a novela histórica, tendo como inspiração um poema escrito por um tio.

Enquanto escreve a novela, Gonçalo vive a vida cotidiana e enfrenta situações que demonstram a fraqueza de seu caráter. A mais marcante se dá quando ele se vê obrigado a arrendar a quinta para um lavrador conhecido como José Casco e dá sua palavra no negócio. Porém, logo em seguida, um outro lavrador, Manuel Pereira, lhe oferece uma quantia maior pelo mesmo arrendamento, e Gonçalo aceita a segunda proposta ignorando que já havia dado sua palavra, demonstrando que ele não tem honra e não é um homem de palavra, ao contrário de seu antepassado. Assim, Eça de Queirós, através de ironia, demonstra o caráter

frágil da burguesia, incapaz de dar continuidade à grandeza do passado português. No decorrer da narrativa, porém, Gonçalo vai recuperando, de certa forma, os valores morais e éticos.

No decorrer da narrativa, Gonçalo se incomoda com o sucesso de André Cavaleiro, seu ex-amigo e ex-namorado de sua irmã, Governador Civil de Oliveira, cargo que era antes do falecido pai de Gonçalo. Até o momento em que o Deputado Sanches Lucena, velho e rico proprietário da região, falece, deixando toda a fortuna para a esposa D. Ana Lucena e uma vaga no parlamento. No entanto, a indicação para essa vaga depende do Governador Civil. Devido ao interesse, Gonçalo reata sua amizade com André Cavaleiro, apesar de ter uma crise de consciência, e, com a reconciliação, Gonçalo se candidata para o parlamento. Em meio aos preparativos, ele surpreende um encontro furtivo entre a irmã e o Cavaleiro na igreja. Nesse momento, Gonçalo retoma sua narrativa e considera a possibilidade de se casar com a rica D. Ana Lucena, apesar de sentir uma forte repulsa por ela.

Em meio aos acontecimentos, uma noite, Gonçalo tem um pesadelo com seus antepassados, que o encorajam a ser corajoso. Na manhã seguinte, Gonçalo enfrenta um inimigo com violência, se reconcilia com sua consciência e retoma sua campanha política, descobrindo a simpatia que as pessoas nutrem por ele. No dia da eleição, Gonçalo vence, o que o faz perceber a mesquinhez de seu caráter e de seus objetivos, o que o traz crises de consciência em relação à honra de sua família. Após algum tempo na política em Lisboa, ele decide abandonar tudo e parte para a África, retornando à Portugal depois de quatro anos, um novo homem, enriquecido por meio do esforço próprio.

Assim, a covardia, as aspirações de um futuro glorioso e as crises de consciência de Gonçalo representam Portugal indeciso diante de seu presente e de seu futuro. O destino de Gonçalo demonstra o que Queirós acreditava ser o caminho viável para o país: a retomada das tradições e do passado português baseado no colonialismo, pois o navio que leva Gonçalo até a África chama-se Portugal, e Gonçalo volta de lá enriquecido e transformado.

Alguns tópicos marcantes da narrativa são o contraste entre o presente e o passado de Portugal (glorioso passado, decadente presente e incerto e almejado futuro glorioso), o contraste entre a nobreza dos feitos guerreiros do romance histórico e a mesquinhez/mediocridade da vida provinciana e de sua aristocracia decaída (repleta de fofocas, traições, inveja, escândalos, encontros conjugais na igreja, adultério feminino, retratação do amor), críticas e idealização do passado português e de suas origens gloriosas, diálogo entre a tradição e a decadência de Portugal, solução sonhadora encontrada pelo autor para o destino de seu personagem, na qual o personagem principal se compara ao país. Além disso, Eça de Queirós propõe uma releitura da história portuguesa, que não apenas julga, mas também propõe um caminho possível para a

nação, tornando, assim, a crítica mais construtiva, movida pelo desejo de compreensão do destino português.

4. CAPÍTULO 4 – ANÁLISE COMPARATIVA DE *BASTARDIA DE HÉLIA CORREIA* E A *ILUSTRE CASA DE RAMIRES DE EÇA DE QUEIRÓS*

No decorrer da análise das duas publicações, foram postos em evidência alguns aspectos mais marcantes, tanto diferenças como similaridades das características das narrativas, que se referem aos principais pontos e reflexões instados pelas obras. Apesar de esses aspectos se interligarem, vamos separá-los em tópicos com exemplificações para facilitar a análise crítica comparada e a categorização das principais particularidades das obras. As categorias utilizadas para demarcar as obras vão aqui ser separadas em a) meio rural x urbano; b) pobreza x riqueza; c) homem x mulher; d) igreja x sobrenatural e e) mar x desassossego. Além disso, para sintetizar as categorias e teorizar a literatura no contexto literário, analisaremos de forma sucinta a teoria e a crítica literária no item de comparação teórica geral das duas obras.

4.1 *Meio Rural x Urbano*

Neste tópico, exemplificaremos as descrições referentes aos locais em que se passam as narrativas, sendo uma comparação entre o meio rural e urbano no século XIX. Ao comparar as duas obras, percebe-se o destaque entre o meio predominantemente rural e minimamente desenvolvido de *Bastardia*, que se dá através das descrições dos povoados de Carniça e Leiria, que se comparam com Vila Clara, povoado onde se passa *A Ilustre Casa de Ramires*, na qual a própria casa do protagonista é uma mansão onde ele desfruta de seus luxos, herança de seus antepassados abastados.

Nos trechos destacados abaixo, podemos observar o contraste entre o meio rural e o urbano e os aspectos da sociedade que são acentuados a partir dessa contraposição das duas narrativas. Na narrativa de Correia, primeiramente, vemos os aspectos caracterizantes do meio rural em Carniça, como, por exemplo, estar isolado do mundo, a falta de meios de transporte, uma vida pacata cuja rota principal dos moradores era de casa para a igreja e da igreja para casa, e possuíam também o básico de higiene, medicina, apesar de estes ainda serem precários:

Embora os escritores e mesmo algumas das suas personagens viajassem, dando-nos hoje, assim, uma impressão de que os caminhos e os transportes funcionavam, na segunda metade de Oitocentos a maior parte das pessoas portuguesas não punha o pé fora do sítio onde nascera. O trajecto mais longo da sua vida era o que unia, todos os domingos, a casa onde morava e a capela. Estranho é que não vivessem brutaemente. Tinham religião e higiene, filosofia e alguma medicina, se bem que estas palavras não respondam à exigência que hoje se faz delas. Apesar de pequeno, aquele mundo era complexo e bem organizado. Num equilíbrio gravitacional, pedaços de animismo e de volúpia circulavam, mantendo distância rigorosa do eixo que ligava o céu à terra e que continha os santos sacramentos e toda a armadura da Igreja. Conciliavam, com habilidade que já não conseguimos imitar, as noções do destino e do pecado, como o

direito e o avesso de um tecido que, de qualquer maneira, nos aperta e a cuja protecção nos submetemos. (CORREIA, 2005, p. 11-2)

Destaca-se, em *Bastardia*, a situação de miséria que o povo sofre em Carniça, que é entrelaçado à situação do meio rural, que não possui tantos recursos para viver de forma completamente decente, na qual a mãe de Moisés dava tudo de si para o filho, até mesmo tirando comida de seu próprio prato para ele:

Nada indicava que Moisés Duarte, dado à luz num lugar do interior chamado de Carniça, sobre os montes, no verão de 1854, não seguisse o destino da família que se amanhava com batata e gado. As raparigas, essas, deslizavam num caminho só delas que as levava, por uma espécie de sucção, até às casas senhoriais onde ficavam a servir. Moisés, o primogénito, e único filho homem, era excessivamente estimado pela mãe. Ela sofrera de infertilidade nos seus primeiros anos de casada e encarava o rapaz como um milagre, ainda que depois tivesse dado à luz quatro meninas, das quais três sobreviveram. [...] No entanto, a mulher olhava o filho e voltava a olhar, como temendo que a força que o trouxera o retirasse e que houvesse um vazio no seu lugar. [...] Tirava do seu prato para o dele. (CORREIA, 2005, p. 13)

Na narrativa de Correia, a seguir, é inserido o meio urbano de Leiria, que também é destacado pela situação de pobreza, ainda que seja um pouco mais desenvolvida que Carniça em questão de urbanidade e de infraestrutura, demonstrando a falta de higiene em relação aos dejetos da cidade e aos descartes de comida estragada, o que denota a falta de um sistema sanitário e a precariedade da higiene da cidade, além de apresentar sobre o modo de alimentação insuficiente do povo. Vejamos:

Leiria terminava exactamente a meio da estalagem, pois a casa tinha metades muito definidas. A primeira, caiada e com varandas protegidas por ferro trabalhado, assentava na sua urbanidade. Exibia a limpeza da fachada como um pedido de indulgência para o resto, para a metade da cavalaria. Ali a pedra recobrava o seu domínio. A parede era tosca, feita em blocos sem polimento, como o dos casebres. Do portão, sempre aberto, iam saindo cheiro a dejectos e a verdura podre. O chão em frente estava cheio de palha amassada com lama e com excrementos. A carroça parou, um pouco adiante. Achavam-se outra vez na estrada larga e o campo metia-se entre os muros, espreitava, como um bicho espreita o dono, sem sair, no entanto, a recebê-lo. Havia hortas e habitações, mas qualquer coisa nelas informava de que a cidade não as alcançara. Via-se bem que os moradores criavam a sua própria nutrição e que a dieta, pobre em proteínas, os privava de músculo. Caçariam pequenos animais com armadilhas nos pinhais pouco vigiados. Já não tinham nada em comum com os pobres da cidade. (CORREIA, 2005, p. 43-4)

Também é destacado, em *Bastardia*, o ambiente urbano de Leiria em contraste com Carniça, destacando carroças, o trânsito existente e a atividade mercantil na cidade:

A carroça seguia pelas calçadas e o som das ferraduras ecoava. As casas obrigavam o rapaz a contorcer-se para espreitar o céu. Aquela hora o trânsito das ruas, na sua agitação mercantilista já um pouco esgotada, incomodava e divertia como um desacato. Mas as altas paredes, tão chegadas, inquietavam Moisés. (CORREIA, 2005, p. 42)

Na narrativa de Correia, abaixo, destaca-se também o ambiente urbano de Leiria, em contraste com a pobreza e a possibilidade de mudança de vida, na qual sair de Carniça e ir para Leiria seria um modo de avanço:

Ele fizera bons planos para o sobrinho. O filho, o estudante, a pouco e pouco mudava de linguagem e de aspecto, a ponto de os fregueses da estalagem não lhe acharem parecenças com os pais. Pensavam que era um hóspede, e fidalgo. [...] Quando, mais tarde, na ascensão da vida, o estudante viesse a ter vergonha e a afastar-se imperceptivelmente quando saíssem a passeio os três, Benta veria apenas o seu garbo, as suas costas bem encasacadas. Por bondade, ou por gosto no que havia de levemente adúltero naquilo, o homem melhorou às escondidas o dia-a-dia de Moisés. Levava-lhe uma chicória quente, ceroulas que a lavagem encolhera, um cobertor de papa. Interpretava como saudades da aldeia e da família o permanente alheamento do rapaz. (CORREIA, 2005, p. 45)

Em contraste com a pobreza interligada ao meio rural do século XIX, denotada na obra de Correia, temos exemplos, na obra de Queirós, nos trechos destacados a seguir, que já é evidente que a urbanização traz consigo uma riqueza, denotada em Portugal através de um fidalgo que já nasceu com heranças territoriais, como podemos ver na cidade de Vila Clara “Esse castelo era o seu, o Paço antiquíssimo de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta [...]” (QUEIRÓS, 2023, p. 6) e em “Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente, como ele, crescera e se afamara o Solar de Santa Irenéia - resistente como ele às fortunas e aos tempos.” (QUEIRÓS, 2023, p. 1)

Nesses trechos, podemos destacar que o castelo era mais antigo e mais rico que muitas famílias de Portugal já tiveram o privilégio de ter. Em “Também este maldito castelo, tão complicado! [...] Atirou, num repelão, a cadeira de couro; cravou com furor, um charuto nos dentes; e abalou da livraria, batendo desesperadamente a porta, num tédio imenso da sua obra [...]” (QUEIRÓS, 2023, p. 9), podemos ver o personagem principal sendo ingrato a ponto de reclamar de sua riqueza, denotada a partir de leves detalhes, como a cadeira de couro, o charuto e o fato de o fidalgo ter uma livraria em casa, ainda que essa riqueza estivesse ficando escassa devido ao fato de ele gastar sem preocupações como se sua riqueza fosse infinita.

Sendo assim, nos trechos destacados neste tópico, percebe-se que tanto no meio urbano como no meio rural, a riqueza e a pobreza de Portugal estão em alto contraste; ao comparar alguém em Carniça, que tem que tirar comida da própria boca para alimentar os filhos; o ambiente um pouco mais civilizado em Leiria, que apesar de ainda ser pobre, possui meios para deter pelo menos o suficiente para se alimentar e tentar uma melhoria de vida; em contraste com o fidalgo Gonçalo, que já nasceu em berço de ouro, herdou sua riqueza territorial, a qual ele esvaiu por conta própria, e que ele nunca teve de trabalhar verdadeiramente para conseguir e que, ao perceber sua riqueza se esvaír, começa a pensar em meios para enriquecer novamente,

que vão desde a tentativa na política e na publicação de uma novela e na fama, até a possibilidade de um casamento com uma Senhora herdeira rica, apelando, ao final, para o desconhecido e o retorno à colonização como forma de enriquecer.

4.2 Pobreza x Riqueza

Neste tópico, exemplificaremos as descrições das situações socioeconômicas citadas nas narrativas, sendo uma comparação entre a situação de pobreza e a riqueza dos personagens, que ocorrem simultaneamente no meio rural e urbano no século XIX.

Nos trechos destacados abaixo, podemos observar o contraste entre a riqueza e a pobreza dos personagens de Correia e Queirós. Na narrativa de Correia, primeiramente vemos os aspectos da miséria no povoado de Carniça, na qual, ao oferecer alojamentos e trabalho medíocre para Moisés, ele nem chega a se incomodar com a situação, dado que ele já vivia na miséria em Carniça e o fato de que ele só estava ali com a intenção de conhecer o mar:

Vinha de uma miséria que por certo já lhe ensinara todos os defeitos. Benta não queria lama da Carniça a falar-lhe à memória nos tapetes. [...] Ele dormiria no meio alçado da cavalaria, onde guardavam palha. -É para limpare e alimentares as bestas - disse o estalajadeiro. O jantar, jantas na cozinha. A vida é boa. [...] Aceitara aquele pobre alojamento com indiferença de dissimulado. (CORREIA, 2005, p. 44-5)

Na narrativa de Queirós, destacamos aspectos de riqueza no castelo de Ramires, na qual às 4 horas da tarde o fidalgo se encontra em casa de chinelos, com uma camisa de chita, trabalhando na escrita de uma novela, em vez de estar trabalhando com trabalhos manuais e pesados como alguém que precisa botar comida na mesa para sustentar a família:

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de Junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a aseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo "Fidalgo da Torre") trabalhava numa Novela Histórica, A Torre de D. Ramires [...] (QUEIRÓS, 2023, p. 1)

Na narrativa de Correia, destacam-se aspectos da miséria de Carniça, como o chão imundo de excrementos e de lama, e o desgosto entre os que moravam em Carniça e os que moravam em Leiria, que sentiam asco uns pelos outros:

O tojo, os fetos e as roseiras bravas, macerados por meses de humidade, recobriam o chão onde as galinhas, esgaravando os restos de alimento, iam também deixando os seus excrementos. [...] Afastaram-se, enfim, no meio de acenos da população toda, cinquenta almas, ou menos, que enterravam os pés na lama, com a comoção. Tinham trazido para aquela morte uma solenidade mais terrena, a da riqueza, a dos saíotes engomados. Talvez pensassem que deixavam nos parentes o pecado da inveja, alguma insónia. Mas estes suspiravam, aliviados, vendo-os partir. Não queriam essa gente tão

volumosa, tão apetrechada, onde sabiam que corria ainda, como num abcesso, sangue seu. (CORREIA, 2005, p. 17)

Destacamos também aspectos da miséria e do isolamento que Moisés passava em Leiria, sendo hostilizado, e da fome que ele passava:

Vivia separado da família e da cidade que o hostilizavam. Comia com as criadas [...] lá à primeira missa dos domingos, que era a dos serviçais. No frio da igreja, batiam contra as lajes com os pés, como se começassem um motim. [...] A fome e uma espécie de suspeita prejudicavam a concentração. Moisés olhava o espaço grandioso, cheio das trevas do Senhor, e estremecia. Ainda não se atrevera à confissão (CORREIA, 2005, p. 47)

Na narrativa de Correia, reiteramos também alguns aspectos de Leiria, na qual Moisés nem sequer usava sapatos, apenas em dias de igreja, e com os quais ele não se sentia confortável, pois machucavam-lhe os pés. Além disso, destaca-se a distância entre os fiéis e os padres, na qual um fiel não poderia se equiparar ao padre, o único e verdadeiro detentor do contato com Deus: “Entre os fiéis e o padre havia um espaço que não parecia fácil de transpor. Ele ficava atrás, de pé, com os homens. As botas, que somente calçava nesses dias, tornavam-se a pior das penitências. [...] A imagem da nobreza, os rapazinhos usavam saias e canudos nos cabelos.” [...] (CORREIA, 2005, p. 48)

Na narrativa de Correia, demonstramos aspectos da miséria e da falta de higiene de Leiria, demonstrando que o odor do corpo podia condizer com a classe social e o trabalho: “Eles recebiam com um sorriso o dono da estalagem que ultimamente os não deixava pagar nada. Mas chegavam-se um pouco para trás, como se o Cruz levasse realmente o cheiro dos cavalos agarrado.” (CORREIA, 2005, p. 56-7)

Sendo assim, nos trechos destacados das duas obras, percebe-se o contraste entre a riqueza e a pobreza de Portugal, ao comparar os meios de alimentação, a precariedade da cidade, a falta de higiene e a comparação entre detalhes na vida do pobre e do rico que fazem total diferença na construção dos personagens e da narrativa, demonstrando o abismo entre as desigualdades sociais que ocorre na sociedade, abismo esse investigado pelos autores de forma verossímil e em contato com a real sociedade de um país, realidade social essa que existia no século XIX e que continua a existir em vários países e sociedades atualmente.

4.3 Homem x Mulher

Neste tópico, exemplificaremos as diferenças entre o homem e a mulher nas narrativas e abordaremos o papel que cada um tem na sociedade, tanto no meio rural como urbano em uma sociedade do século XIX.

Nos trechos destacados abaixo, podemos observar a diferença entre a forma como as mulheres eram tratadas e a forma como os homens eram vistos pela sociedade na narrativa de Correia e de Queirós. No trecho abaixo, percebe-se que a mulher era vista como um ser vulnerável, sujo e emotivo, considerado ensandecido e desprovido de valor, enquanto o homem aprendia desde cedo a abusar do álcool, a apostar, a ser temido, a ignorar a realidade ao seu redor e a ser omissos ao papel decente de pai de família e provedor responsável por uma realidade melhor:

E descurava de tal modo as raparigas que uma lhe engravidou aos treze anos de um pastor de carneiros, já idoso. Felizmente a criança nasceu morta. E a vizinhança, cujos homens já se haviam mobilizado para sovar o autor do crime, viu a adolescente entontecer e andar descamisada pelos montes. Pareceu que Deus tinha que ver com aquilo e depressa o lugar pacificou. Pelo exemplo da mãe e da irmã, Moisés fazia a sua ideia das mulheres como seres sujos com acções inexplicáveis. Em casa, as outras duas, mais novinhas, choravam com frequência ao pé do lume, e enxugavam a cara com os dedos que tinham ajeitado a lenha e as brasas, ficando negras como vagabundas. Aprendia com o pai o uso do álcool ou do jogo de cartas na taberna para a composição do seu papel, o masculino, temido e desprezado ao mesmo tempo. Fazia parte do saber dos homens baixar o apuro dos sentidos a um ponto de em casa se tornarem surdos-mudos e o pai de Moisés levava isso de tal maneira a sério que parecia uma sombra, tão negra como as filhas. (CORREIA, 2005, p. 14)

A seguir, podemos observar que as mulheres eram tratadas como loucas, pecaminosas, que não mereciam o perdão de Deus por algo até mesmo fora de seu controle:

[...] apesar de acorrer aos sacramentos, sentiu que Deus não lhe ia perdoar. [...] Chamavam-lhe «a tontinha» e realmente a pobre rapariga endoidecera ou pelo menos rompera com os laços que haviam de orientar-lhe o crescimento. Procurava o pastor, que teimava e chorava, protestando inocência e se escapava para longe, aos gritos. Passados alguns meses, a ocorrência estava arrumada na memória entre os mistérios nos quais não se consegue perceber se há sordidez ou sobrenatural. Encontros sexuais com lobisomens, embora raros, também aconteciam. (CORREIA, 2005, p. 15)

No trecho abaixo, podemos observar também que, na narrativa de Correia, a mulher já tinha um papel que prevalece até hoje, o papel de comando na casa, que apesar de ser imposto ao homem, ainda tende a ter grande, se não total influência da mulher. Além disso, podemos ver o destaque que a mulher tinha como de suja, não apenas psicologicamente e moralmente, como também fisicamente, sendo representada de forma que gera asco pela mulher:

Perturbou o marido, que antevia um grave prejuízo na estalagem quando o tempo abrandasse e os viajantes comessem de novo a pernoitar, sem a gestão valente da mulher. [...] Benta admirava a sua própria força. Fazia a descoberta da histeria e nem sabia bem como parar. Atirava-se à cama, com arrancos. O filho ia espreitá-la. Ela obrigara-o a tornar-se expansivo, a conversar. Afagava-o como uma moribunda. [...] O rapaz não ficava confundido pela proximidade daquele corpo. A mãe cheirava como cheiram as mulheres, a um misto de perfume e correntes. Ele já amara uma tuberculosa. Conhecera a miséria do seu quarto, o brilho negro das mucosidades entranhadas nas tábuas do soalho. Os folhos dos saiotos e os lençóis colavam-se uns aos outros com pedaços de vômito e diarreia. Ele tapava o nariz discretamente, saía

sem poder gozar-se dela. A mulher precisava de dinheiro e tentava agradar, estendendo as mãos, que pareciam molhadas pela lama de uma campã de inverno. O estudante passara as férias grandes a tentar dissipar essa memória. Ainda assim, olhava de soslaio para os rostos sem véu das raparigas e imaginava a sua intimidade, cheia de panos fétidos. (CORREIA, 2005, p. 57-8)

A seguir, pode-se observar a forma como os homens eram vistos pela sociedade na narrativa de Correia, como aquele que trabalha, que é o homem da casa:

Falhado o plano de ascensão social, o Cruz limpava os dentes com palhinhas. Sombrio, encarquilhado pelo inverno, contemplava os trabalhos de Moisés, que sozinho cuidava dos fregueses, dos animais e da cavalaria. Era o homem da casa e os corações endureciam, empurrando-o para a luta. [...] (CORREIA, 2005, p. 59)

No trecho destacado abaixo da narrativa de Correia, observa-se a forma como os homens eram aqueles que podem pecar e se divertir da forma como quiserem e como a mulher deve ser a pura, recatada e do lar, livre de pecados e sequer de pensamentos pecaminosos, quanto mais de atos e formas de se mostrar à sociedade que denotassem pecado e falta de submissão ao homem:

[...] homens, já sentados à mesa, murmuravam, numa voz grave, entre tabaco e vinho. E as irmãs, junto à lareira e aos grandes alguidares, iam admoestando as raparigas que estavam imprestáveis, de nervosas. Benta não tinha filhas e temia-se daquele feminino inacabado, das saias curtas que elas ainda usavam, sem sincronia com os pensamentos que as faziam morder os lábios e corar. E, enquanto as mulheres fritavam iscas e tiravam parecenças, só a tonta circulava de um lado para o outro, com a cara meio virada e a boca entreaberta, como quem está a ser chamado por alguém. (CORREIA, 2005, p. 18)

No trecho abaixo, na crítica de Coutinho em relação à narrativa de Correia, podemos destacar a forma como as mulheres eram retratadas como interligadas ao pecado e ao maligno:

A associação entre a mulher e o lobisomem confere a esta um poder maléfico. A mulher de carne e osso é, pois, transcendentalizada de forma negativa, em lobo e homem, tomando, por isso, a forma do Mal, enquanto uma outra, a sereia, é votada à idolatria e toma a forma do Bem: As mulheres-peixe, de cabelos compridos como as santas, deitavam-se sobre ele. Não tinham escamas. (COUTINHO, 2012, p. 66)

No trecho a seguir, podemos observar as mulheres vistas pela sociedade, na narrativa de Queirós, como apenas a filha de alguém, a irmã de alguém, apreciada pela beleza e pela riqueza: “- Enfim - resumiu Gonçalo-, filha de carnicheiro, irmão a monte, bela mulher, luneta de ouro... Merece fato novo!” (QUEIRÓS, 2023, p. 14) Além disso, ela é vista como um corpo, como uma posse, uma propriedade que tem utilidades, um animal e não como um ser humano:

- Mas o que eu não compreendo, menino, é esse teu "horror" pela D. Ana... Caramba! Mulher soberba! Um quebrado de quadris, uns olhões, um peitoril... [...] - Pois aqui ao lado da sua mulher, que é a flor das Graças, ousa louvar semelhante peça de carne! [...] Realmente, a Ana Lucena, que vistosa, que bela! ... - Sim - concedeu Gonçalo -, bela como uma bela égua... Mas aquela voz gorda, papuda... E a luneta, os modos... E

"o cavalheiro pode fumar, o cavalheiro está enganado..." Oh! senhores, pavorosa! [...] O Fidalgo dardejou sobre o cunhado uns olhos ferozes: - Nem que ela se me oferecesse, de joelhos, em camisa, com os duzentos contos do Sanches numa salva de ouro! (QUEIRÓS, 2023, p. 49)

Nos trechos selecionados para este tópico, percebe-se o contraste entre os papéis da mulher e do homem na sociedade portuguesa no século XIX, no qual a mulher é mais vista como uma empregada, uma doméstica, alguém que nasceu exclusivamente para servir aos homens ou para gerar filhos, ou ainda, em meios mais extremos, são vistas como criaturas sobrenaturais e maléficas, vistas como algo pecaminoso e repleto de representações do mal, sendo a mulher vista como uma pecadora, suja, que serve apenas para a possibilidade de um casamento ou pela beleza, uma forma de troféu para os homens, no caso da sociedade burguesa. Ressalta-se que esse comportamento e essa visão do papel da mulher, ainda que esteja passando por um período de muitas reivindicações e muita luta, ainda estão presentes na sociedade do século XXI. Enquanto isso, o homem é livre para fazer tudo que ele quiser, desde que cumpra seu papel de chefe da família, que muitas vezes é realizado também pela mulher, mesmo que isso não seja admitido.

4.4 Igreja x Sobrenatural

Neste tópico, evidenciaremos a ocorrência tanto do papel da igreja e de suas restrições e obrigações, visualizando também a fé dos indivíduos, como dos mistérios da natureza que são incorporados às narrativas, demonstrando como a igreja e a ficção se debatem, o que poderemos analisar a partir da descrição tanto de sereias, bruxas, da morte e dos ditos mitos conhecidos pela sociedade no século XIX, onde veremos críticas ao comportamento moral e ao dogma autoritário.

Nos trechos destacados abaixo, podemos observar a influência da religião e do sobrenatural na vida do povo, especialmente na obra de Correia. A seguir, vemos como a religião influencia a vida da família a ponto de a criança ser nomeada Moisés, além de ser declarada como um milagre, ainda recebendo nome bíblico e sendo oferecido à igreja para virar padre. Vemos também o interesse que a família teve por trás dessa empreitada, pois, após a morte do padre, a família esperava pelo menos uma pequena herança:

Falara com o abade, mal sentira os primeiros sintomas da prenhez. Ele resgatara a alma da criança, tanto mais que a mulher se arrependera no exacto momento de pecar. -Lá o senhor abade é que quer ser padrinho do menino. Vai chamar-se Moisés e há-de ir para padre. Falava com o marido à luz da vela e mesmo assim viu-lhe o pescoço avermelhado, como se um pensamento o estrangulasse. O abade ia levar-lhe o primogénito. Porém, o homem fora educado para aceitar os roubos do Senhor. Só perguntou:- -E se não for rapaz? É rapaz, sim. Calaram-se. Depois o abade falecera, subitamente, sem se preparar. E não deixara herança ao afilhado. Moisés andava pelos quatro anos. Os pais nem se ofendiam com o desprezo que a omissão do padre revelava. Sabiam, aliás, que ele era pobre e tinha filhos que o tratavam por padrinho e que gastavam como fidalgotes. Viam, com esperança, desfazer-se o compromisso que privaria a casa do rapaz. Não recebia nada, nem sequer uma estola bordada com fio de ouro que pudesse vender-se em maus momentos. E, nesse caso, nada pagaria. (CORREIA, 2005, p. 31)

O personagem principal, Moisés, é envolto em uma trilha de mistério e do sobrenatural, que, segundo Coutinho, se compara com uma figura bíblica (2012, p. 63),

A aproximação com o Antigo Testamento é inquestionável: (...) meteu o menino num cesto de junco, (...) e foi pô-lo entre os juncos, na beira do rio. A filha do faraó foi tomar banho ao rio (...), viu o cesto entre os juncos e mandou uma das suas escravas [a irmã de Moisés] ir buscá-lo. (...) teve pena dele e disse: “Este menino é dos hebreus”. (...) Então, a irmã do menino perguntou à filha do faraó: “Quer que eu vá chamar uma ama hebreia, para criar este menino para si?” A princesa respondeu: “Vai.” Então a rapariga foi buscar a mãe do menino e a princesa disse à ama: “leva este menino e cria-mo que eu te pagarei.” A mãe do menino levou-o e criou-o. Quando o menino já estava crescido, levou-o à filha do faraó e esta adoptou-o como filho. E deu-lhe o nome de Moisés, por o ter tirado das águas. (Ex. 2,1-10) Com Hélia, o ser celestial divino passa a ser descrito em termos humanos, mas a sua própria origem lhe confere uma dimensão divina, sobrenatural. Esta novela está, pois, repleta de mistérios, e o próprio título, *Bastardia*, tem uma forte carga simbólica, transportando-nos, desde logo, para o que é ilegítimo e perverso. O leitor sente-se atraído, fascinado pelo nome da novela e tem, por isso, vontade de a ler. A nosso ver, esta obra heliana envolve-nos nas teias do sobrenatural, encantando-nos com os seus mistérios.

No trecho abaixo, na obra de Correia, podemos observar que a família temia a Deus e que a religião muito influenciava em sua paz mental:

Rezavam ambos, para que Deus esquecesse que chamara a criança ao seu serviço. Deus, efectivamente, não mandava nem morte nem doença. E a mulher dera entretanto à luz uma menina e achava-se grávida outra vez. «Não está zangado. [...] Ela falseara o negócio com Deus. E, pouco a pouco, percebeu que o filho voltava todo à posse do outro lado. [...]» (CORREIA, 2005, p. 32)

A seguir, na obra de Correia, podemos observar o contraste entre a igreja e o sobrenatural, entre o bem e o mal, na vida da aldeia:

«Mente, a igreja.» A bruxa sussurrava-lhe. Tirava do avental, que ela apanhava com um remoinho atrás, bolinhos de canela amolecidos. Moisés pegava neles, apavorado, pronto a saltar em retirada como um bicho. [...] Passado um ano, a bruxa começou finalmente a morrer. Deixara de aparecer pela Carniça. As notícias que vinham do Pilar confirmavam a horrível agonia que é reservada aos seres da sua espécie. A mulher que ela tinha engravidado enchia-se de alívio e de piedade. «<Oxalá morra, pobre criatura.» [...] Bem sabia que uma bruxa não pode abandonar o corpo sem passar o seu dom. Ela estendia, sem cessar, noite e dia, o seu novelo até que alguém, por um momento de bondade, recebesse nas mãos aquela sina. A prudência afastava a vizinhança. Mas os sonos da aldeia transtornavam-se. (CORREIA, 2005, p. 33)

No trecho seguinte, na obra de Correia, também podemos observar a influência da religião e dos pecados na vida dos personagens, até mesmo com os pecados sendo realizados pelos próprios padres, que saíam impunes, não importando as consequências:

Tinha rezado as suas orações, mas o anjo não vinha e, na verdade, Moisés não desejava que ele viesse. [...] O Cruz, que fora toda a vida um homem dado ao trabalho, fez-se preguiçoso. [...] induziram-no no vício do tabaco. [...] Fazia um ano que o padre seduzira e engravidara a filha da beata Sanjoaneira. Morrera, a rapariga. E o padre estava são e salvo, talvez na capital. Jamais se ouvira um comentário sobre o assunto. [...] Os padres velhos, que se consolavam com as mulheres que tinham casa adentro, já em idade infértil, mal dormiam. [...] Eles ofendiam as paroquianas com maneiras brutais nas confissões. Uma doença entrara no rebanho. Os véus não disfarçavam a luxúria e o medo da luxúria em cada rosto. (CORREIA, 2005, p. 49-50)

No trecho abaixo, observa-se, mais uma vez, o sobrenatural na obra de Correia, pois a autora faz uso das sereias de Homero para retratar os monstros femininos sedutores de homens, utilizando a sensualidade para encantá-los, as quais deixam de ser um símbolo da tentação e da luxúria dos homens e se tornam uma representação do mal na percepção da igreja, e, mais especificamente, na personificação feminina do pecado:

Grandes penas cinzentas recobriam os seus três corpos de aves de rapina. E os seus rostos de mulher não eram belos. Nem jovens. Nem sequer os rodeava a longa cabeleira acastanhada. Tinham pequenas rugas e olhos negros e, sobre os queixos, despontava já essa penugem que descia sobre o papo. Cantavam, sim. Mas a beleza do seu canto estoirava e desfazia-se em pedaços que o esvoaçar cruel e silencioso depressa sepultava sob as águas. São, com efeito, seres horríveis, as sereias. Move-as o puro gosto de matar, de remeter a carne humana à sua origem, ao lodo, aos vermes

e à fermentação. Vêm de tempos velhos, do horror de uma terra convulsa, ainda encharcada de sangue e lava, revoltada por nascer. Cantam, tal como canta a mulher feia, com a face escondida e desejando que quem a escuta se estilhaça como vidro. Aquela intensa expectativa erótica que, ao longo de séculos, levou o desejo dos homens para as sereias desfaz-se brutalmente em quem as vê. Pois estas são as gregas, as de Ulisses. São monstros impossíveis de entender, absoluta estranheza. O belo canto, o rosto de mulher, não nos pertencem, nem sequer para temer ou odiar. Existem. E já nem precisam de matar. Desde que os homens do Ocidente conceberam a imagem literária, a mulher-peixe, as sereias que existem realmente já não destroem por afogamento. Basta-lhes assistir à decepção (CORREIA, 2005, p. 9-10)

A seguir, na obra de Correia, podemos observar a culpa por ter dado as costas à própria religião em busca de um milagre e de ter se voltado ao sobrenatural: “Não tive a culpa toda. Só um pouco. Deus não me quis dar filhos. Fui pedi-los a outro lado. À bruxa do Pilar.” (CORREIA, 2005, p. 26) Além disso, no trecho abaixo, podemos observar a influência do sobrenatural na mãe de Moisés:

Que todos sabem quem aparece nesses sítios, todos sabem. O dos cascos fendidos, aí tens. Eu queria muito um filho mas não ia fazer tratos com ele, nem digo o nome. [...] «O mar. O mar é que te vai cobrir! », anunciava a bruxa sobre a ponte. O rio, até então parado, recuou. E a estéril, caída sobre o leito, sentindo o toque das areias mornas, viu avançar o azul. [...] Nessa altura, cantavam dentro dele. Então, Moisés falou: Cantavam, quem? A pergunta arrancou a mãe do encanto. (CORREIA, 2005, p. 29)

No seguinte trecho da obra de Correia, podemos observar a aparição dos pecados e o papel da religião na vida do povo: “O Cruz sonhava, na sua solidão, com grandes vícios, aguardentes, tabaco. [...] À luz da lamparina que fazia tremer os santos sobre o oratório ia passando rezas, não por fé, mas para se distrair. Quando, enfim, a ideia lhe ocorreu, já se encontrava muito fatigado. Não teve qualquer estorvo de consciência.” (CORREIA, 2005, p. 61) Podemos observar também a influência da religião e do sobrenatural, especialmente na obra de Correia, em que “Moisés [...] confiava nos dois desconhecidos como não confiava nem em Deus nem naquela maligna natureza. [...]” (CORREIA, 2005, p. 70)

Sendo assim, nos trechos selecionados da obra de Correia percebe-se a importância e a influência da igreja e o contraste em relação ao sobrenatural na vida pacata da sociedade. Em relação à obra de Queirós, a igreja e o sobrenatural não possuem tanto destaque, mas uma das cenas mais escandalosas se dá na igreja, na qual a irmã de Gonçalo, Gracinha, se encontra com o Dr. André Cavaleiro para ter encontros extraconjugais com seu amante, local no qual a igreja se torna um local profano por ser usado para o pecado da luxúria. Dessa forma, apesar de a igreja ser um ponto de importância na cultura, as personagens são hipócritas, condenam o próximo, mas não deixam de viver seus prazeres em detrimento da igreja e da santidade.

4.5 Mar x Desassossego

Neste tópico, iremos analisar a relação e a obsessão pelo mar e pelo desconhecido, além do desassossego vivenciado pelos personagens no decorrer das duas narrativas. Esse desassossego está sempre presente na perspectiva da possibilidade de mudanças, melhorias e de enfrentar e conhecer o desconhecido na busca de um futuro diferente, o que poderemos analisar n’A *Ilustre Casa de Ramires* a partir do desejo do protagonista de ter um futuro promissor e diferente e, por fim, de ir para a África, e em *Bastardia* pela obsessão do protagonista em conhecer o mar.

No trecho destacado abaixo, podemos observar o desassossego e a inquietude do personagem de Queirós:

E todavia não se despegava do espelho, numa contemplação agradável, recordando mesmo a recomendação da tia Louredo, em Lisboa: -"Oh sobrinho! o menino, assim galante e esperto, não se enterre na província! Lisboa está sem rapazes. Precisamos cá um bom Ramires!" - Não! Não se enterraria na província, imóvel sob a hera e a poeira melancólica das coisas imóveis, como a sua Torre! ... Mas vida elegante em Lisboa, entre a sua parentela histórica, como a agüentaria com o conto e oitocentos mil réis de renda que lhe restava, pagas as dívidas do papá? depois realmente vida em Lisboa só a desejava com uma posição política - cadeira em São Bento, influência intelectual no seu Partido, lentas e seguras avançadas para o Poder. E essa, tão docemente sonhada em Coimbra, nas fáceis cavaqueiras do Hotel Mondego – muito remota a entrevista! [...] (QUEIRÓS, 2023, p. 11-2)

No trecho a seguir, podemos observar onde o desassossego do personagem de Queirós o leva afinal: “Gonçalo despegara lentamente do vasto canapé, reabotoando o jaquetão claro: - Com efeito ando com uma idéia, há dias... [...] Ando com idéias de ir para a África. - Oh Gonçalo, credo! Para a África?” (QUEIRÓS, 2023, p. 51)

Podemos observar, abaixo, as mudanças que o desassossego do personagem de Queirós trouxe e no que isso beneficiou o personagem afinal:

“Não imaginas como vem... ótimo! Até mais bonito, e sobretudo mais homem. A África nem de leve lhe tostou a pele. Sempre a mesma brancura. E duma elegância, dum apuro! Prova de como se adianta a civilização da África! [...] Ele contou muitas coisas interessantes da África. Traz notas para um livro, e parece que o prazo prospera. Nestes poucos anos plantou dois mil coqueiros. Tem também muito cacau, muita borracha. Galinhas são aos milhares. É verdade que uma galinha gorda em Macheque vale um pataco. Que inveja! Aqui em Lisboa custa seis tostões, só com ossos - porque tendo também alguma carne no peito, salta para cá dez tostões, e agradece! No prazo já se construiu uma grande casa, próximo do rio, com vinte janelas e pintada de azul. E o primo Gonçalo declara que já não vende o prazo nem por oitenta contos. Para felicidade completa até achou um excelente Administrador. Eu todavia duvido que ele volte para a África. [...]” (QUEIRÓS, 2023, p. 224)

No trecho a seguir, podemos comparar o personagem protagonista de Queirós com Portugal, e comparar sua inquietude e o desejo por mais:

“- Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe o Sr. Padre Soeiro quem ele me lembra? [...] Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua idéia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade? ... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acovarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antigüidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra? - Quem? ... - Portugal.” (QUEIRÓS, 2023, p. 228-9)

Destaca-se também o desassossego do personagem de Correia: “O mar entrou na mente de Moisés, onde Deus não lhe dera licença para entrar, Abriu caminho brutalmente, pelo meio dos campos e das vacas. Instalou-se e cresceu, como um tumor. E realmente perturbava-lhe a visão, fazendo uma pressão maligna no seu cérebro.” (CORREIA, 2005, p. 21) Além disso, no trecho abaixo, essa inquietude vai se acentuando: “Ele olhava para as águas da corrente, sem grandeza e sem cor. [...] Longe de o consolar, as noites davam-lhe uma necessidade de partir.” (CORREIA, 2005, p. 22)

No trecho abaixo, podemos observar o desassossego do personagem de Correia, no qual ele estava inquieto a ponto de não conseguir dormir:

Não podia dormir. A luz da noite entrava pela janela. [...] Além disso o luar apavorava-o. Havia impiedade naquele brilho que ele bem sabia não provir de Deus mas do fulgor das almas condenadas. Os fantasmas passavam nos seus mantos, brancos como doentes, como noivas. E os mortais fechavam-se nas casas. Essa beleza não lhes pertencia. [...] Moisés estava enervado pela insônia. [...] O mal entrara dentro dos dois por via das palavras [...] «Ver o mar, minha mãe. Só penso é nisso. (CORREIA, 2005, p. 25-6)

O desassossego do personagem de Correia se torna obsessivo pela ideia de estar junto ao mar:

Pouco conseguia que os fregueses falassem sobre o mar. No entanto, ele já se acostumara a servir-se dos próprios pensamentos. Imaginava o dia do encontro com aquele grande azul que se estendia, semelhante a um prado que florisse. A obsessão tomara conta dele como alguém que o tivesse sequestrado. Tudo o que via e ouvia era filtrado, enquadrado na sua perspectiva. [...] Mas ele estava somente de passagem. Não conhecia histórias de bastardos, mas algo lhe dizia que um destino secreto e alto o aguardava junto ao mar. (CORREIA, 2005, p. 62-3)

No seguinte trecho, podemos observar onde o desassossego do personagem de Correia o levou, para junto ao mar, perto de seu pai: “Então, deitou-se numa cova, ouvindo o ronco

sossegado do seu pai.” (CORREIA, 2005, p. 71) e então, “De manhã, o rapaz estava azul e o mar, também azul, resplandecia.” (CORREIA, 2005, p. 72)

Concluindo, a partir dos trechos selecionados, destacamos o desassossego, enquanto inquietação, mal-estar, condição humana insuperável, como sendo a maior similaridade entre as duas obras, na qual os personagens principais não se sentiam completos e algo faltava para que eles pudessem ser plenamente felizes. No caso de Moisés, na obra de Correia, ao encontrar seu pai, o mar, ele pôde ficar junto à sua origem, alcançando a verdadeira paz e redenção. No caso de Gonçalo, na obra de Queirós, ao ir para a África, ele pôde se regozijar ao encontrar riqueza, um futuro promissor e uma mudança de vida para a total satisfação e redenção de seu papel como herói de uma família de heróis. Assim, o desassossego se tornou aquilo que levou os personagens a cumprirem suas missões de vida, conseguindo assim, alcançar a remissão de seus pecados e abandonar tudo que lhes causava aflição.

4.6 Comparação Crítica e Teórica Geral

Neste tópico, nos aprofundaremos de forma sucinta na teoria literária para embasar a análise das narrativas. As obras representam o Portugal do século XIX, um Portugal mais pobre e menos desenvolvido do que se espera de um país imperialista, demonstrando assim a realidade de Portugal depois de sua decadência. As obras, mesmo que sendo uma realista e a outra contemporânea, são um perfeito indício das condições políticas e sociais da história contemporânea de forma enredada na ação, de forma verossímil.

É possível analisar tais obras estabelecendo relações com os textos críticos *Na Mansão de La Mole* (2011) de Erich Auerbach, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* (1987) de Antero de Quental, *Revisitação da Mitologia Anteriana* (2008) de Eduardo Lourenço e *Da Literatura Como Interpretação de Portugal* de Eduardo Lourenço (2016), devido às críticas à realidade no contexto histórico social, cultural, econômico e religioso de Portugal no século XIX.

A obra *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós atende às especificidades do Realismo Português ao representar o Realismo, não apenas como escola literária, mas, principalmente, como modo de representação, ao descrever, conforme Auerbach (2011), as condições políticas e sociais da história contemporânea enredadas na ação de forma realista e verossímil, representando o realismo moderno a partir da representação da vida ordinária e cotidiana portuguesa. Apesar de não ser uma obra realista, *Bastardia* também se encaixa nessa teoria, pois representa a vida ordinária cotidiana portuguesa de forma verossímil.

Os dois romances se interligam com os textos *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* (1987) de Antero de Quental e com o texto *Revisitação da Mitologia Anteriana* (2008) de Eduardo Lourenço por estar implícito que a igreja do Concílio de Trento, o Absolutismo Monárquico e o processo de colonização do Império ultramarino (que visava à economia) foram as três grandes causas da decadência dos povos peninsulares que levaram àquele momento e àquela situação socioeconômica da história. Dessa forma, a proposição de Quental de que o fato de Portugal não ter aberto os olhos e aceitado mudanças para que o próprio país pudesse evoluir, sem se prender à imposição da igreja e do Absolutismo monárquico, que, juntos, e devido à forma como colonizaram outros países, acabaram trazendo a ruína não só ao próprio Portugal, mas também à decadência dos colonizados, sendo essa a causa de Portugal se encontrar decadente mesmo depois de ter sido um Império Talassocrático e colonizador.

Ademais, as obras se interligam com o texto *Da Literatura Como Interpretação De Portugal* de Eduardo Lourenço (2016) pois, primeiramente, remetem ao laço da escrita que une o escritor à sua pátria, na qual a pátria converte-se na realidade pela qual cada cidadão é responsável. Além disso, as duas obras se referem à história literária portuguesa e são orientadas pela preocupação obsessiva de descobrir a identidade portuguesa, de se aprofundar na realidade da pátria frágil e vulnerável e de repor (no caso de *A Ilustre Casa de Ramires*) ou de repensar (no caso de *Bastardia*) Portugal na sua grandeza ideal tão negada pelas circunstâncias concretas da sua realidade política, econômica, social e cultural, com ênfase no patriotismo.

Além disso, em *A Ilustre Casa de Ramires* há também o enfoque na preocupação pelo tema da identidade nacional e na relação conturbada entre o escritor e a realidade que o engloba, abordando a consciência da fragilidade histórica de Portugal ao projetar seus fantasmas tanto para o passado como para o futuro, ressaltando esse sentimento de identidade nacional e de pertencimento à Pátria:

José Lúcio Castanheiro [...] fundara um Semanário, a Pátria - "com o alevantado intento (afirmava sonoramente o Prospecto) de despertar, não só na mocidade Acadêmica mas em todo o país, do cabo Sileiro ao cabo de Santa Maria, o amor tão arrefecido das belezas, das grandezas e das glórias de Portugal!" Devorado por essa Idéia [...] Castanheiro incessantemente, com ardor teimoso de Apóstolo, clamava pelos botequins da Sofia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros - "a necessidade, caramba, de reatar a tradição! de desatulhar, caramba, Portugal da aluvião do estrangeirismo!" - Como o Semanário apareceu regularmente [...] começou logo a ser considerado uma aurora ainda pálida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espíritos da Academia [...] passaram aquecidos por aquela chama patriótica, a esquadrihar na Biblioteca, nos grossos tomos nunca dantes visitados de Fernão Lopes, de Rui de Pina, de Azurara, proezas e lendas - "só portuguesas. Só nossas; (como suplicava o Castanheiro), que refizessem à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!"

[...] A Novela portanto marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional. (QUEIRÓS, 2023, p. 2-3)

No trecho destacado abaixo, podemos observar que após tanta reflexão e tanto pesar ainda fica o sentimento de ausência e de necessidade de reatar a tradição portuguesa:

[...] Pela consciência que renova de termos sido tão grandes sacode este chocho sentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a tradição... [...] É um Fidalgo, o maior Fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos. [...] não se trata de pecúnia, mas duma grande renovação social.... E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. [...] A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos [...] (QUEIRÓS, 2023, p.5-6)

Segundo Eduardo Lourenço (2016, p. 70), “nunca geração portuguesa se sentira tão infeliz [...] por descobrir que pertencia a um povo decadente, marginalizado ou automarginalizado na História”, trazendo o questionamento sobre como os portugueses se tornaram um povo atrasado, inculto, desistente e sem planos para um futuro mais glorioso do que foi o passado. Assim, enquanto *Bastardia* critica e induz à reflexão sobre a realidade da sociedade portuguesa, *A Ilustre Casa de Ramires* abrange a autêntica obsessão de explorar “o ser e o destino de Portugal como horizonte de aventura literária”, na obsessão de criar uma obra que abordasse a regeneração de Portugal decadente ao Portugal glorioso de antigamente. Assim, a obra enfoca na questão de que assim como Gonçalo, que era capaz de metamorfose e redenção, Portugal também seria capaz de se tornar glorioso novamente.

De acordo com Eduardo Lourenço (2016, p. 70), dentre tantas interpretações da realidade nacional da Geração de 70, a mais complexa é a de Eça de Queirós, pois, apesar de todas as críticas que lhe podem fazer, ele interroga e interpela um Portugal realmente presente. Na obra, percebe-se que a realidade é apresentada tanto com sua representação arcaizante de Portugal como contemporânea. Conforme Lourenço (2016, p. 91), “eficientemente convertido em máquina de opressão ética, social, cultural, ressurgirão uma vez mais Gonçalos senis para em nome de uma imagem profunda de nós mesmos, mas sem contrapeso algum crítico, lançarem o país numa última aventura imperial [...]”. No entanto, “não seria uma Revolução caída do céu militar que poderia repor miraculosamente o País em condições de se readaptar. As contas a ajustar com imagens que a nossa aventura colonizadora suscitou na consequência nacional são largas e de trama complexa demais” (Lourenço, 2016, p. 92). Assim, é necessário aproveitar a dolorosa lição para “nos compreendermos em termos realistas”, inventar uma relação com Portugal na qual os portugueses possam se desassociar dos ressentimentos fúnebres, aceitando a carga do passado que não se disassocia deles. (Lourenço, 2016, p. 92).

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, a construção do protagonista Gonçalo Mendes Ramires se dá de forma construtiva moralmente, visto que ele inicia a história sendo um homem de pouca moral e sem palavra e seu caráter vai se construindo juntamente com seu amadurecimento psicológico no decorrer da narrativa. Já em *Bastardia*, o protagonista está envolto em uma névoa de mistério que vai desde a sua origem, seu nascimento, até sua morte, em que sua única e maior obsessão e missão é encontrar o mar, reencontrar seu pai. Ambos os protagonistas se encontram em um estado de desassossego que apenas o cumprimento de suas missões pode sossegar.

Ressaltamos também as principais diferenças entre as obras: enquanto em *Bastardia* a mulher tem um papel importante e mais visualizado, na obra de Queirós, o papel principal é do fidalgo, e não podemos acompanhar de perto as personagens femininas do ponto de vista delas, não sabendo de seus sentimentos e aflições. Enquanto Correia foca bastante na questão da igreja e do sobrenatural, na obra de Queirós o sobrenatural é mais voltado para a relação de Gonçalo com seus antepassados e a igreja só se sobrepõe na obra em um momento que quer reiterar o pecado como ligado ao papel da mulher infiel e que se rende à luxúria.

As principais similaridades entre as obras são o contraste entre os tópicos de discussão dos trechos destacados, ou seja, o contraste entre as categorias de a) meio rural x urbano; b) pobreza x riqueza; c) homem x mulher; d) igreja x sobrenatural e e) mar x desassossego, particularidades essas que marcam as obras analisadas.

Nas obras analisadas, percebe-se que tanto no meio urbano como no meio rural a riqueza e a pobreza de Portugal estão em alto contraste, ao comparar os meios de alimentação, a precariedade de vida e os detalhes, na vida do pobre e do rico, que fazem total diferença na construção dos personagens e da narrativa, demonstrando o abismo que ocorre entre as desigualdades sociais na sociedade, abismo esse investigado pelos autores de forma verossímil e em contato com a real sociedade.

Nas narrativas, também foi destacado o contraste entre a mulher e o homem na sociedade portuguesa no século XIX, sendo a mulher vista como uma procriadora, uma serva submissa, uma representação do mal, ou como um troféu, enquanto o homem é um ser livre. Apesar de essa visão da mulher ser ultrapassada, ela ainda é muito presente na sociedade do século XXI em muitos países.

Além disso, as obras também trabalham com a temática da influência da igreja e do sobrenatural na vida da sociedade, na qual a igreja tem toda uma participação na construção e manutenção da sociedade, enquanto, na obra de Queirós essa não é uma questão tão focalizada.

Ressalta-se que, nas obras, apesar de a igreja ser um ponto de importância na cultura portuguesa, as personagens não deixam de viver seus prazeres em detrimento da santidade.

Concluindo, a partir da análise das obras, destacamos o desassossego como sendo a maior similaridade entre as duas obras, na qual os personagens principais não se sentiam completos e algo faltava para que eles pudessem ser plenamente felizes. No caso de Moisés, em *Bastardia*, o desassossego termina quando ele encontra o mar, e no caso de Gonçalo, em *A Ilustre Casa de Ramires*, o desassossego se finda quando o protagonista encontra um futuro promissor. Dessa forma, o desassossego é o que move os personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia visou desenvolver uma análise comparativa das obras *Bastardia* (2005) de Hélia Correia e *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) de Eça de Queirós, a partir da perspectiva de que essas obras, escritas em diferentes épocas, retratam a vida ordinária portuguesa no século XIX. Esta pesquisa buscou analisar as principais características da cultura e da literatura portuguesa marcantes nas duas obras em estudo; ressaltando as principais similaridades e diferenças entre as obras e conjecturando sobre as interpretações de Portugal contidas nas duas prosas. As obras em estudo representam o Portugal do século XIX, um Portugal mais pobre e menos desenvolvido do que se espera de um país colonizador, demonstrando assim a realidade de Portugal depois de sua decadência, sendo um perfeito indício das condições políticas e sociais da história de Portugal no século XIX.

A presente monografia foi desenvolvida em 4 capítulos. O primeiro capítulo tratou de um estudo geral sobre a literatura portuguesa de Eça e Hélia para que nos aprofundássemos de forma mais aguçada na análise comparativa das obras. O segundo capítulo tratou da análise de *Bastardia* de Hélia Correia. O terceiro capítulo tratou da análise de *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós. O quarto capítulo tratou, por fim, da análise comparativa das duas obras em estudo, duas narrativas de épocas diferentes que remetem ao século XIX, propondo-se algumas interpretações da história e da cultura portuguesas emanadas dos dois textos literários analisados.

Nas obras analisadas, as principais similaridades entre as obras são o contraste entre o meio rural e urbano; a pobreza e a riqueza de Portugal; assim como os papéis da mulher e do homem; a influência da igreja e do sobrenatural; e o mar e o desassossego. A partir da análise das obras, destacamos o desassossego como sendo a maior particularidade entre as duas obras, na qual o desassossego dos personagens só finda quando eles terminam sua missão.

Concluimos esta monografia afirmando que as obras estudadas retratam um Portugal que ainda tem muito a oferecer, não só historicamente como também literariamente. Os autores estudados refletem apenas uma porcentagem ínfima do escopo de obras reflexivas a serem estudadas sobre Portugal, que merecem uma atenção especial através desse olhar distanciado que o brasileiro pode proporcionar sobre seu colonizador. O autor Eça de Queirós, já amplamente divulgado e estudado, e a autora Hélia Correia, surgindo com uma nova visão sobre Portugal que precisa ser mais divulgada e analisada no Brasil. Com isso, reiteramos a necessidade de análise de mais obras da literatura portuguesa, que ainda tem muito mais a provocar e a proporcionar nos estudos literários de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. “Na Mansão de La Mole”. *In: Mimesis: representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. 5. ed. SP: Perspectiva, 2011, p. 405-442.

CORREIA, Hélia. **Bastardia**. Lisboa: Relógio D’Água, 2005. 72 p.

COUTINHO, Anabela Martins. **Erotismo e Natureza: Montedemo, Bastardia e Doroteia de Hélia Correia**. Dissertação (Mestrado em Línguas Literaturas e Culturas - Estudos Portugueses). Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro. Portugal, 2012.

FERREIRA, Juliana Casarotti. Eça de Queirós: um gênio da literatura mundial. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, Presidente Prudente, n. 7, p. 110-122, 2009. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403123655.pdf Acesso em: 08 dez. 2023.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Eça de Queirós**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/eca_queiroz/ Acesso em: 05 out. 2023.

JERONIMO, Thiago Cavalcante. Clarice Lispector Entre-Vistas Portuguesas: Teolinda Gersão, Ana Teresa Pereira, Inês Pedrosa e Hélia Correia. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 22, n. 3, p. 112-124, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/15709/11603> Acesso em: 05 out. 2023.

LOURENÇO, Eduardo. “Da Literatura como Interpretação de Portugal”. *In: _____. O Labirinto da Saudade*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2016, p. 97-142.

LOURENÇO, Eduardo. “Psicanálise Mítica do Destino Português”. *In: _____. O Labirinto da Saudade*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2016. p. 11-49.

LOURENÇO, Eduardo. “Revisitação da Mitologia Anteriana”. QUENTAL, Antero de. **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos**. Lisboa: Tinta-da-China, 2008, p. 115-131.

QUEIRÓS, Eça de. **A Ilustre Casa de Ramires**. Penguin-Companhia, 2023.

QUENTAL, Antero de. **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**. Lisboa: Ulmeiro, 1987.

REIS, Carlos. **Eça de Queirós: a escrita do mundo**. Lisboa: Biblioteca Nacional, Inapa, 2000.